

YouTube, Racismo e Periferia: (in)visibilidade e contraponto dos canais “Periferia em Foco” e “Periferia em Movimento”¹

Camila FREGONA²

Daniela ZANETTI³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise dos canais “Periferia em Movimento” e “Periferia em Foco” à luz de questões sobre racialidade e a possível democratização da comunicação no ciberespaço. A partir da seleção de um vídeo de cada canal supracitado, investigou-se tais questões, bem como a autorrepresentação da periferia e o potencial do YouTube como plataforma de contraponto ao discurso da mídia tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: periferia; invisibilidade; racialidade; Youtube.

INTRODUÇÃO

A possibilidade de divulgar seu próprio conteúdo, ou melhor, “transmitir-se” – como nos convoca o *slogan* do YouTube “*Broadcast yourself*” – aparece como uma alternativa para democratizar a produção (e transmissão) de conteúdos. Esta mensagem nos remete ao que Castells (2015) denomina “autocomunicação de massa”. Desde 2005, este site que permite o compartilhamento gratuito de vídeos passou a ser considerado como uma “plataforma de mídia democratizadora”. Tal democratização, contudo, esbarra em questões acerca do uso da ferramenta e nas dinâmicas econômico-estruturais da plataforma, de propriedade da Google Inc.⁴ (WASKO; ERICKSON, 2009), apesar de Jenkins (2008), por exemplo, também reafirmar o potencial “revolucionário” da convergência midiática no âmbito da política, considerando a maneira como hoje as pessoas pensam sobre comunidade e poder e participam de processos democráticos.

Apesar desses aspectos, que foram considerados ao longo da análise do presente artigo, o site permite que pessoas maiores de 18 anos que tenham uma conta no Gmail criem seu canal no YouTube e disponibilizem gratuitamente diferentes produções

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestranda em Comunicação e Territorialidades – PÓSCOM-UFES, camilafregona@gmail.com

3 Orientadora da pesquisa. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas daniela.zanetti@gmail.com

4 O site possui caráter empresarial, comercializa sua audiência a anunciantes e utiliza métricas de visualização para monetizar os vídeos mais populares e os colocarem “em alta” (dando a eles ainda mais alcance).

audiovisuais, salvo poucas restrições de conteúdo, tais como: nudez, incitação à violência, bullying, entre outros. A plataforma possui diversos segmentos, com destaque para canais sobre gastronomia, jogos, humor, moda, beleza, estilo de vida. O presente artigo traz o estudo de casos em que o YouTube também tem sido utilizado por pessoas ou grupos que desejam mostrar outro viés sobre as periferias brasileiras, com o objetivo de ser um contraponto ao estereótipo de violência e marginalidade comumente apresentado na mídia tradicional.

Este artigo, portanto, apresenta a análise dos vídeos “Periferia não é só geografia”⁵ e “Encontro Latino-Americano de Comunicadores Periféricos”⁶, divulgados no YouTube nos dias 6 e 11 de junho de 2018, respectivamente, pelos coletivos “Periferia em Movimento” e “Periferia em Foco”, à luz de questões sobre racialidade e a possível democratização da comunicação no ciberespaço. O estudo sobre o tema justifica-se pela relevância de se refletir sobre tais questões, com base na forma como os negros aparecem nos vídeos supracitados e como ocorre a autorrepresentação da periferia no YouTube.

Os canais que embasaram este artigo foram localizados no YouTube em 6 de outubro de 2017, a partir de uma pesquisa, no campo de busca do próprio site, que conjugou os termos “coletivo” e “periferia”. Obteve-se aproximadamente 8.790 resultados, e entre os 20 primeiros⁷ estavam vídeos dos canais “Periferia em Movimento” e “Periferia em Foco”. A busca encontrou produções audiovisuais de outros canais, tais como: Rede TVT; Brasil de Fato; Coletivo Sacode; TV Periferia, Cultura e Resgate Coletivo, por exemplo. Contudo, estabeleceu-se como critério de seleção canais ligados diretamente a coletivos, que possuíssem produção regular de conteúdos e apresentassem informações sobre seu propósito e data de criação. A partir do monitoramento dos canais “Periferia em Foco” e “Periferia em Movimento”, para fins do presente estudo, fez-se inicialmente a triagem de vídeos pelo recorte temporal (vídeos publicados entre 1 e 15 de junho de 2018). Por este método, após a primeira análise, foram identificados dois vídeos em cada canal, contudo, a seleção dos conteúdos “Periferia não é só geografia” e “Encontro Latino-Americano de

5 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H8NliFEjEul&>>. Acesso em 16 jun. 2018.

6 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7-KOS1wSTug>>. Acesso em 16 jun. 2018.

7 O canal “TV Periferia, Cultura e Resgate Coletivo” apareceu em segundo lugar pelo critério estabelecido. Contudo, o mesmo foi desconsiderado visto que não possuía informações sobre seu propósito, data de criação e número de visualizações. Há o registro apenas do número de inscritos (15, no total). Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCmL9_Vi2lCzbo95-K8iwLVw>. Acesso em 6 out. 2017.

Comunicadores Periféricos” deve-se às discussões sobre desigualdade e preconceito contidos em cada um desses materiais.

O estudo, portanto, traz uma investigação qualitativa, inicialmente fundamentada na coleta de dados no campo online para posterior análise e interpretação (KOZINETS, 2014). A análise foi concentrada nos vídeos, uma vez que na plataforma YouTube não houve interação por meio de comentários. Para apresentar os resultados, utilizou-se como metodologia o levantamento bibliográfico acerca da racialidade pensada por Fernandes (1972) e Munanga (2012), e a discussão prático-teórica sobre as possibilidades advindas com a internet, em particular o YouTube (CASTELLS, 2015).

RACIALIDADE E PERIFERIA

A sociedade brasileira é marcada pela diversidade, característica de sua constituição. Seja pelos traços da colonização europeia, os nativos indígenas ou os descendentes de negros ex-escravos, a miscigenação ocorre no país desde o século XVI. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, utiliza cinco categorias de cor/raça para que a população brasileira possa se autodefinir: branca, preta, parda, amarela e indígena. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais – 2016⁸, do IBGE, mais da metade dos brasileiros (54%) são pretos ou pardos. Ao se cruzar os dados de cor/raça com as informações socioeconômicas, percebe-se condições díspares de acesso e direitos entre os cidadãos. Em termos de renda, o grupo supracitado está entre os mais pobres, representando 75,5% das pessoas com os 10% menores rendimentos no país.

A reportagem “As cores da desigualdade”, divulgada na revista Retratos⁹, do IBGE, apresentou dados da Pesquisa PNAD Contínua 2016 e revelou que o Brasil está longe de ser uma democracia racial. Segundo a pesquisa, em 2016, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 4,2% para brancos e 9,9% para pretos e pardos; das crianças de 5 a 7 anos que trabalhavam, 35,8% eram brancas e 63,8% pretas ou pardas; já na categoria “rendimento médio de todos os trabalhos”, a renda dos brancos é, respectivamente, 75% maior que a dos pardos e 79% maior que a dos pretos. Os dados gerais da pesquisa demonstram que, em média, “os brancos têm maiores salários,

⁸ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em 17 jun. 2018.

⁹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf>. Acesso em 17 jun. 2018.

sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior” (GOMES; MARLI, 2018).

Nos últimos anos, entre discussões sobre igualdade e equidade social, a questão racial no Brasil retornou de forma pujante, principalmente a partir da organização de movimentos negros e do empoderamento dessa população. Valorização da cultura, defesa de direitos e combate ao racismo têm se tornado pontos com ênfase na sociedade contemporânea. Essa discussão, contudo, pode ser remetida à década de 1970, com o sociólogo Florestan Fernandes. O autor nos lembra que no Brasil existe o mito da democracia racial, segundo o qual o país seria um caso neutro na manifestação de preconceito racial, ou seja, brancos, negros e mulatos/mestiços viveriam em harmonia e o racismo não se faria presente.

[...] o que é democracia racial? A ausência de tensões abertas e de conflitos permanentes é, em si mesma, índice de “boa” organização das relações sociais? Doutro lado, o que é mais importante para o “negro” e o “mestiço”: uma consideração ambígua e disfarçada ou uma condição real de ser humano econômica, social e culturalmente *igual aos brancos*? (FERNANDES, 1972, p.21-22, grifos do autor)

A realidade brasileira, no entanto, mostra que o “caso brasileiro” vendido a outras nações – desde meados do século XX – como um exemplo de democracia racial não passa de uma falácia. O que se observa no Brasil é o que Fernandes (1972) chama de “o preconceito de não ter preconceito”. Segundo o autor, a tendência de os brasileiros considerarem o “preconceito de cor” como algo ultrajante (para quem o sofre) e degradante (para quem o pratica) parece ser uma consequência do *ethos* católico presente na sociedade brasileira. Assim, tais valores preconceituosos são condenados no plano ideal – o que não impede sua realização em ações concretas (FERNANDES, 1972). De maneira contraditória, ao mesmo tempo em que se condena o preconceito de cor, preserva-se a liberdade de manifestações discriminatórias e preconceituosas, desde que essas sejam “encobertas ou dissimuladas”.

Muitas vezes velado ou não assumido, o racismo pode ser observado na sociedade brasileira. E a confusão entre “raça” e “classe” permanece como um dos dilemas da questão racial no país. Alguns estudiosos de formação marxista acreditavam que o fim da sociedade de classes e a mudança para uma estrutura social mais igualitária seria uma solução definitiva para o fim do racismo no Brasil, tal qual Fernandes (1972). Contudo, para pesquisadores como Munanga (2012), o racismo não se resolveria por um equilíbrio econômico.

Os que pensam que a situação do negro no Brasil é uma apenas questão econômica, e não racista, não fazem esforço para entender como as práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação e na ascensão econômica. Ao separar raça e classe numa sociedade capitalista, comete-se um erro metodológico que dificulta a sua análise e os condena ao beco sem saída de uma explicação puramente economicista. (MUNANGA, 2012, p.19)

Como sintetiza Munanga (2012), os negros são “um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania” (MUNANGA, 2012, p.16).

Esta breve discussão acerca da questão racial do país tornar-se-á importante para fundamentar a análise dos canais e dos vídeos propostos por este artigo, como veremos a diante. Assim também o será compreender as desigualdades presentes na constituição da sociedade brasileira na contemporaneidade, inclusive em termos territoriais. Para citar um exemplo, de acordo com pesquisa realizada em 2016 pela organização social TETO Brasil (CARMO, 2017), 70% dos moradores de favelas de São Paulo são negros, incluindo nessa categoria os que se autodenominam pretos e pardos.

Favelas, comunidades, periferias, grotão, zonas de vulnerabilidade social são algumas das diferentes nomenclaturas utilizadas no Brasil para definir áreas geográfica, social ou economicamente distantes das regiões nobres. O IBGE, por exemplo, utiliza a expressão “aglomerado subnormais”¹⁰ para designar um conjunto constituído por, no mínimo, 51 unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e com, pelo menos, uma das seguintes características: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes; e/ou carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). Neste artigo, utilizamos o termo “periferia” ao encontro do conceito pensado por Rolnik (2010), para quem a periferia é marcada mais pela precariedade, e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização.

O termo “periferia” por si só pode trazer múltiplas interpretações, além do distanciamento geográfico da região central – entre elas, associações com a violência, exclusão socioeconômica, resistência cultural por meio da música, etc. É preciso, portanto, compreender a heterogeneidade presente na constituição das periferias, bem como a própria multiplicidade de definições do termo. Ressalta-se que esta contextualização sobre “periferia” se fez necessária uma vez que o vocábulo foi

¹⁰ Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf>. Acesso em 20 jun. 2018.

utilizado como chave de busca na seleção de canais, ademais o termo também foi recorrente em um dos vídeos objeto de análise.

COMUNICAÇÃO NAS REDES E SUAS ESPECIFICIDADES

A precariedade e falta de assistência e de recursos, listados por Rolnik (2010), são características comuns no dia a dia de moradores de periferia e, em muitos casos, vão além de questões ligadas à educação e à saúde, e da falta de recursos de infraestrutura (habitacional, de saneamento, etc.). Nota-se, também, dificuldade de acesso a aparelhos culturais, tais como cinemas e teatros, e também ao uso da tecnologia (apesar do barateamento de computadores portáteis e da popularização dos aparelhos de telefonia móvel, com acesso à internet).

Segundo dados da pesquisa TIC Domicílios 2016¹¹, no Brasil, 54% dos domicílios estão conectados à internet. Quando os dados são separados por classe, observa-se padrões de desigualdade: 34% dos domicílios da classe D e E estão conectados à internet banda larga, enquanto nas classes A, B e C, os percentuais são de 89%, 79% e 61%, respectivamente. Em termos de internet móvel (3G ou 4G), os dados são inversamente proporcionais às classes sociais: enquanto 49% da classe D e E acessa a rede por esse meio, as classes A, B e C registram as marcas de 8%, 13% e 27%, respectivamente. O dado que inicialmente pode causar estranhamento, pode ser justificado pelo fato de que quando há acesso à banda larga, aparelhos móveis de telefonia tendem a ser conectados a esta rede via Wi-Fi. Na outra ponta, a classe que mais utiliza a rede móvel é também a que tem menor acesso à rede de alta velocidade.

Apesar da discussão sobre as desigualdades de acesso à ferramenta, é preciso considerar que o advento da internet acarretou em profundas transformações em diversas esferas. Na Era da Informação, barreiras físicas cederam espaço para um novo território sem fronteiras e uma nova organização da sociedade, a sociedade em rede, na qual a informação torna-se a matéria-prima (CASTELLS, 2002). No campo da comunicação, os avanços tecnológicos também promoveram uma mudança estrutural e o formato de “poucas vozes” que falam para a grande massa no antigo fluxo informacional ‘emissor – mensagem – receptor’ aos poucos cedeu espaço para um modelo horizontalizado e plural, efetivado pela comunicação em rede. Para Castells

¹¹ Pesquisa sobre acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/domicilios/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

(2015), a transformação da comunicação na era digital viabilizou a “autocomunicação de massas”, na qual há autonomia na emissão, organização e recepção de mensagens geradas por meio das redes. E graças ao potencial dessas redes, a comunicação autogerada ampliou as possibilidades de se alcançar uma audiência massiva.

A transformação mais importante na comunicação nos últimos anos foi a transição da comunicação de massa para a intercomunicação individual, sendo esta última o processo de comunicação interativa que tem o potencial de alcançar uma audiência de massa, mas em que a produção da mensagem é autogerada, a recuperação da mensagem é autogerada, e a recepção e a recombinação do conteúdo oriundo das redes de comunicação eletrônicas são autosselecionadas. (CASTELLS, 2015, p.29)

Thompson (2008, p.2) explana sobre uma “nova visibilidade mediada”, surgida a partir de novas maneiras de agir e interagir com os meios de comunicação. Segundo o autor, a interação mediada possui outra dinâmica espaço-temporal e pode ser distendida em termos espaciais ou comprimida em termos temporais.

Nessa nova forma de visibilidade mediada, o campo da visão não está mais restrito às características espaciais e temporais do aqui e agora, ao invés disso molda-se pelas propriedades distintivas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias. (THOMPSON, 2008, p.7)

Segundo Thompson (2008, p.23), a nova lógica mediada gerou também uma disputa por visibilidade; ser visto e lembrado tornou-se um pressuposto para não cair na obscuridade ou ter uma “morte por desaparecimento”. Organizações, instituições, figuras públicas e pessoas comuns se fazem presentes em diferentes redes, para se manterem “visíveis”. No YouTube, diferentes “tribos” criam canais para ocupar esse espaço, que foi “colonizado” por vloggers, youtubers e diversos tipos de produtores de conteúdo, inclusive institucionais e corporativos. A plataforma também sido utilizada por coletivos de comunicação para abordar temáticas e vivências de sujeitos residentes em periferias, como veremos a seguir.

VÍDEOS EM REDE

Antes da abordagem dos vídeos “Periferia não é só geografia” e “Encontro Latino-Americano de Comunicadores Periféricos”, propomos uma breve contextualização acerca dos canais onde foram publicados.

“Periferia em Movimento” se define como “espaço para divulgação dos trabalhos de jovens jornalistas da periferia Sul de São Paulo”. O canal, criado no YouTube em maio de 2010, conta com 365 inscritos, 88 vídeos publicados e mais de 96 mil visualizações¹². Em formato de série, reportagem, entrevista e documentário, os vídeos tratam de temáticas ligadas à cultura (tais como graffiti, funk e rap, além de conteúdos sobre a falta de investimentos no setor nas regiões de periferia), moradia/ocupações, direito à cidade, movimentos pela paz, preconceito (como é ser gay “na quebrada”, como é ser “preto e periférico”), racismo, genocídio/morte de jovens negros, entre outros. O coletivo também possui um site e contas nas redes sociais Facebook, Instagram e Twitter. De acordo com informações publicadas no site¹³, o “Periferia em Movimento” é um coletivo de comunicação “sobre, para e a partir das periferias”. O projeto foi criado por jornalistas do Extremo Sul de São Paulo “incomodados com a narrativa limitada, geralmente negativa e superficial, apresentada pela mídia convencional sobre nossa realidade”, “para contar nossa própria história e lutar por uma mídia mais democrática e plural”.

Já o “Periferia em Foco” se apresenta como “a Voz da periferia de Belém do Pará nas redes sociais”. Criado em setembro de 2016, o canal disponibiliza 55 vídeos, possui cerca de 10 mil visualizações e 140 inscritos¹⁴. O projeto, cujo primeiro vídeo divulgado foi uma entrevista com o cantor Afonso Cappelo (morador de Belém, que na época participava do programa The Voice Brasil - TV Globo), apresenta histórias positivas sobre a periferia e as pessoas que nela residem, tal como nas webséries “Heróis da Periferia” e “Periferia em Pauta”. Seguindo a mesma proposta, divulga eventos, ações culturais e esportivas realizadas na comunidade, entre outros conteúdos. O coletivo de comunicação também possui contas no Facebook, Instagram e Twitter. Segundo informações publicadas no blog “Comunicação das Periferias”¹⁵, rede da qual o “Periferia em Foco” é integrante, o coletivo “é um projeto de mídia alternativa que foi pensado como uma forma de mostrar a periferia de Belém e Região Metropolitana do Estado do Pará sem estereótipos negativos ou marginalizada (sic)”.

12 Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/AtomoMultimedia>>. Acesso em 16 jun. 2018.

13 Pela reduzida descrição do projeto no YouTube, buscou-se complementar o entendimento da proposta do grupo no site <<http://periferiaemmovimento.com.br/>>. Acesso em 16 jun. 2018.

14 Dados disponíveis em: <https://www.youtube.com/channel/UCKu_WCFZAYqek6NSDL2yrCg>. Acesso em 16 jun. 2018.

15 Disponível em: <<https://comunicacaodasperiferias.wordpress.com/2017/10/03/coletivo-periferia-em-foco/>>. Acesso em 16 jun. 2018.

1. “Periferia não é só geografia”

Na reportagem “Periferia não é só geografia”¹⁶, a narrativa conduzida pelos entrevistados, no estilo minidocumentário, apresenta quatro moradores de diferentes periferias da região metropolitana de São Paulo, dois homens e duas mulheres, com idades entre 18 e 36 anos. A repórter Gisele Brito, que não aparece no vídeo, nem sua voz no *off*, foi quem conversou com as pessoas para registrar suas percepções sobre o que é a periferia. De acordo com informações divulgados na descrição do vídeo no YouTube e nos dados contidos no *lettering* (textos com informações adicionais que aparecem durante o vídeo), Everson Anderson, 18 anos, mora na Favela do Moinho e Janaína Xavier, 36 anos, nos Campos Elísios - ambos na região conhecida como “Cracolândia”, no Centro. Glauber Torres, 20 anos, mora em Paraisópolis, uma favela que fica ao lado do bairro Morumbi, um dos mais elitizados de São Paulo. Já Amanda Letícia, também de 20 anos, vive no Jardim Pazini, periferia de Taboão da Serra - município localizado na Zona Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo. Por isso, a descrição do vídeo considera que Amanda está localizada em duas periferias: em um bairro de periferia do próprio de município e também na periferia da capital (pois está nas adjacências de São Paulo).

O vídeo tem duração de cerca de cinco minutos e, nas imagens, os entrevistados são apresentados em primeiro plano em ambientes externos ou internos, quando filmados dentro de suas próprias casas. No caso de Janaína, a entrevista aparece apenas dentro de sua casa e as imagens revelam sua família, composta aparentemente por um companheiro e três crianças. Os depoimentos são cobertos por imagens de apoio que mostram um pouco desses personagens nas respectivas comunidades: andando pelas ruas (algumas sem calçamento), por becos entre as casas ou embaixo de viadutos, por exemplo. Há também imagens das respectivas localidades, sem a presença dos personagens, que auxiliam na contextualização do espectador. De maneira geral, são planos abertos que apresentam aglomerados de casas sem reboco, ruas com movimentação de pessoas ou veículos, um olhar subjetivo que apresenta os prédios de bairros ao lado. A música “Periferia é Periferia”, dos Racionais MC’s, é utilizada entre algumas falas, durante o vídeo, e também no encerramento, enquanto os créditos de

¹⁶ De acordo com a descrição do vídeo, a reportagem faz parte do projeto [#NoCentroDaPauta](#), uma realização dos coletivos Alma Preta, Casa no Meio do Mundo, Desenrola e Não me Enrola, Imagem, Historiorama, Periferia em Movimento e TV Grajaú, com patrocínio da Fundação Tide Setubal.

reportagem, imagens e edição são apresentados. Além de Gisele Brito, que ocupou as funções de repórter, cinegrafista e editora de imagens, Ingrid Felix também integrou a equipe na captação das imagens. Nos depoimentos, as desigualdades, a ausência do Estado, a violência e a cor da pele são marcas da vivência dos personagens nas periferias, fatores que vão além da distância de seus bairros em relação ao centro. As falas, transcritas abaixo, retratam o sentimento de exclusão e preconceito, a falta de acesso a bens, serviços públicos e direitos.

“Quando você se encontra numa favela dentro do centro, você sente aquele espaço que você mora muito distante do próprio apartamento, dos próximos prédios, dos próximos condomínios... O seu corpo se sente distante e tem corpo que se distancia de você” - *Lettering: Everson mora em Moinho, última favela do centro de SP. Prefeitura, estado e União tentam removê-la.*

“Eu acho assim... eu nunca fui e eu não sei, mas no meu ponto de vista vai ter vários negros e aquela (sic) sempre foco: a discriminação dos branco (sic) com os negro (sic). Por que só os negro têm o direito de morar na periferia e os riquinho (sic) não? Os filhinho (sic) de papai, não? Os burguesinhos, não?” - *Lettering: Janaina Xavier, 36, Campos Elísios-SP // Janaina mora nos campos Elísios, na chamada Cracolândia, no centro de SP. O governo do estado quer demolir diversas quadras do bairro pra “revitalizá-lo”*

“Periferia ela (sic) também é uma questão muito mais de posicionamento social (muito mais que só geográfico, né?). É sua posição naquele lugar, naquele espaço, mas também sua posição na faculdade, sua posição tipo... o quanto você consegue adquirir, mesmo estando num lugar central, quanto você consegue ter os mesmos privilégios...” - *Lettering: Amanda Letícia, 20, Pazini - Taboão da Serra // Amanda vive no Jd. Pazini, em Taboão da Serra. O bairro está entre duas periferias: a da capital e da cidade vizinha*

“Acho que o que determina a experiência periférica é o acesso que você tem... uma série de fatores, né... o acesso que você tem a serviços públicos, o acesso que você tem à cultura, a lazer, saúde - *Glauber Torres, 20, Paraisópolis-SP // Glauber cresceu em Paraisópolis, uma das maiores favelas de SP, colada em um dos bairros mais nobres da cidade.*

“Aqui a gente não conseguia mexer no computador e no celular ao mesmo tempo. Não era possível isso. Aí na semana passada chegou o carro da NET aqui para colocar a internet e isso mudou a lógica, porque antes eu não poderia nem trabalhar na minha casa - e hoje eu já consigo. Mas o quanto isso demorou para chegar aqui, né? Então, são percepções às vezes até um pouco simples de distância, mas também de oportunidades que você tem. A questão central é a questão da falta do estado nesses lugares, porque tipo (sic)... o que eu vejo muito é que o índice de pessoas que têm poucas possibilidades de conseguir mudar

a sua realidade familiar aqui em Taboão da Serra, comparado a Pinheiros, outros lugares, é muito distante” - *Amanda*

“Quando a gente passa na rua e vê uma intervenção do estado tirando blusa de frio, cobertor, cama de quem já não tem quase nada na vida, você tem uma imagem nítida de qual que (sic) é o objetivo do estado, sabe... *pra* gente, *pra* gente que mora na favela, pra pessoa que mora na rua. E nessa imagem nítida do que eles querem mostra muito quem que (sic) tem o poder; qual que é... qual que vai separar você e deles: (...) é onde você mora, o que você tem. A periferia é muito resistência.” - *Everson*

“A gente não tem direito. Nós de classe bem baixa mesmo, a gente não temos (sic) direito aqui no centro, porque o que o governo quer fazer é tirar a gente do... a gente já tem dificuldade *pra* segurar um aluguel... tirar a gente daqui e jogar pra fora” - *Janaína*

“Não sei se vocês perceberam, mas a gente passou por uma base policial quando a gente tava entrando, né... E ali acho que o único... é o último símbolo da presença do estado. Assim, tipo: tem a polícia ali e aqui dentro você não vê mais polícia, assim, salvo eventuais coisas que acontecem. Aqui já foi bem mais violento, assim, quando eu era menor a gente ouvia bastante história, assim, tipo, tinha toque de recolher na época do PCC e tudo mais... Mas hoje em dia é mais tranquilo. Eu acho que, na verdade, o maior número de violência vem da polícia, assim, quando eles entram, sei lá, para parar o baile, assim.” - *Glauber*

“Porque ó, no centro em si a gente é cercado, a gente tá (sic) no centro e a gente é cercado por polícia, sabe. Então, tipo assim, quando a gente já tem na trajetória da favela, na história da favela, um menino que foi torturado e morto numa intervenção militar, mano, da Rota, que é a polícia da favela do Moinho. O jovem Leandro que foi espancado, que foi torturado e morto lá; sobre os incêndios que foi ocasionados (sic) por projetos políticos, tá ligado, mano, a gente é alvo de qualquer forma, saca?” - *Everson*

2. “Encontro Latino-Americano de Comunicadores Periféricos”

O vídeo “Encontro Latino-Americano de Comunicadores Periféricos” foi gravado durante o evento de mesmo nome, realizado na Favela da Maré, no Rio de Janeiro. Sob a forma de entrevista, o representante do coletivo “Periferia em Foco” Wellington Luiz da Silva Frazão conversa com dois participantes do encontro: Railton da Silva, do Coletivo Edmilson Alves (Alagoas) e Jaguaraci Félix, do Instituto Mídia Étnica (Bahia). Com duração aproximadamente cinco minutos, o vídeo inicialmente mostra a imagem de Wellington introduzindo a temática, para na sequência, apresentar a conversa individual com os entrevistados. A resolução e a pouca profundidade da imagem sugerem que a captação do vídeo foi feita com um celular. Ao longo da edição,

algumas imagens de apoio do evento e da favela onde ocorreu o encontro são utilizadas para situar o espectador.

Alguns trechos dos depoimentos dos entrevistados também são cobertos por fotos ou *prints* de sites que ilustram as falas. Nos depoimentos, cujas transcrições encontram-se a seguir, o preconceito e a (in)visibilidade da população pobre e de periferia se fazem presentes.

“Sou de Alagoas, sou Railton da Silva - mais um “da Silva”, como tantos das periferias. Sou comunicador popular, sou jornalista e trabalhamos por meio do Coletivo Edmilson Alves. Nós, do Coletivo Edmilson Alves, desenvolvemos trabalhos em várias periferias de Maceió. Nós, em Maceió, chamamos de grotá, né, alguns chamam de favela e tal. (...) Nós trabalhamos com cultura, nós trabalhamos com lazer, nós trabalhamos principalmente com o jornalismo, né, fazer com que as pessoas se vejam, porque é muito chato, Wellington, nós chegarmos na grande mídia e nós não se vemos (sic). Nós vê (sic) o rico, nós vê (sic) o usineiro, nós vê (sic) o latifundiário, nós vê (sic) o fazendeiro... agora o pobre, quando é pobre, só aparece no jornal quando é homicídio e só aparece no jornal quando ele é preso, né. E nós, do Grito na Luta, nós fazemos diferente: nós entendemos que o empobrecido, aquele que mora na favela (como eu moro na favela), nós precisamos nos ver, porque todo mundo tem a sua história pra contar, todo mundo tem uma perspectiva de vida e - puxa, velho! - só estampar o jornal com notícias ruins é muito lamentável. Periferia é maior que isso e nós somos simplesmente pessoas, que nós (sic) queremos viver e queremos ser vistos. Não existe só periferias nas favelas, não, existe periferia no plano também. O cara que mora em área nobre ele tá (sic) pouco se lixando *pra* quem mora na periferia e *pra* quem é pobre. - Railton

Então, lá na Bahia, em Salvador, o Instituto Mídia Étnica já tem 13 anos, nós trabalhamos com esse foco de denegrir a mídia, assim que nós começamos. Nós temos o nosso veículo de comunicação que é o Portal Correio Nagô... então, o Instituto Mídia Étnica trabalha com três pilares: tecnologia, comunicação e inovação. (...) É uma iniciativa muito importante, muito positiva, o Instituto Mídia Étnica abraça essa ideia porque aqui no encontro a gente conversou bastante, né, foi um dia bastante produtivo, e a gente acabou percebendo algo que é muito interessante: nós estamos em regiões diferentes do nosso país, porém as nossas lutas e as nossas causas são as mesmas. Então, essa rede a gente acredita que permitirá uma maior conexão, uma maior interação... e que a gente possa trabalhar, assim, com coisas mais pontuais, mais assertivas, ver pontos em comuns (sic) de todos os estados - e do pessoal de fora do país também - pra gente ter uma maior visibilidade das nossas lutas, da periferia, das questões de gênero, das questões raciais. Acho que essa união é importantíssima, principalmente no momento atual em que a gente vive.” - Jaguaraci

Nota-se que, mesmo não citados de forma direta, a condição de privilégio dos brancos e o racismo são questões que podem ser discutidas a partir desses depoimentos.

O termo “negro”, por exemplo, foi citado apenas por uma das entrevistadas, enquanto referências a “pobre”, “empobrecido” e morador de favela/periferia aparecem com maior frequência - o que nos remete ao paradoxo da questão racial no Brasil: de um lado, o racismo dissimulado; de outro, a mobilidade social vista como solução para superar o preconceito racial. Em outras palavras, permanece no país a confusão entre raça e classe (MUNANGA, 2012). A ausência do termo “racismo” não subtrai a discussão sobre o problema, uma vez que um dos entraves para a desconstrução do racismo no país é a passividade quanto ao imaginário racial da igualdade (FERNANDES, 1972). A invisibilidade social, a ausência do Estado e a forma como a população preta e pobre é representada na mídia, ligada a casos de violência, demonstra o racismo estrutural ainda presente na sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Partindo desses exemplos de materiais audiovisuais, a existência de coletivos de duas diferentes regiões do país que tentam se organizar e articular as lutas por uma comunicação para mostrar as periferias brasileiras sob o viés das pessoas que residem nessas regiões é uma forma de se contrapor a um discurso dominante. A “autocomunicação das massas”, pensada por Castells (2015), parece ir ao encontro dessa perspectiva. Contudo, o baixo índice de visualização dos vídeos retratados (“Periferia não é só geografia” contava com 177 visualizações no dia 16 de junho de 2018, enquanto “Encontro Latino-Americano de Comunicadores Periféricos” somava 27 *views*, na mesma data) nos leva a questionamentos sobre o potencial do YouTube como espaço para democratização da comunicação – uma vez que trata-se de uma ferramenta de propriedade de uma das maiores empresas do mundo (Google), portanto, há de se considerar as dinâmicas econômicas da plataforma. Apesar da ideia transmitida de que os usuários estão no controle, “várias técnicas adotadas pelo site – para melhorar a publicidade – privilegiam alguns vídeos em detrimento de outros” (WASKO; ERICKSON, 2009, p.382).

A mensagem geral é que o conteúdo gerado pelo usuário não é tão desejável ou valioso como o conteúdo de mídia profissional de grandes empresas, a menos que de alguma forma ele possa ser manipulado para fazer um lucro para as empresas de mídia e para o Google, mas certamente não para o usuário individual. (WASKO; ERICKSON, 2009, p.383, tradução nossa)

Se por um ângulo a venda de audiência é uma característica da plataforma, por outro, a inabilidade de conquistar visibilidade e atrair seguidores é um elemento que também deve ser considerado nessa discussão – visto que existem na plataforma canais pessoais de grande destaque. Um fato a mais a se considerar na disputa por audiência e visibilidade é a concorrência entre as diferentes redes sociais disponíveis na contemporaneidade. Se como plataforma online de vídeos o YouTube é líder desde sua criação (e mantém-se como o segundo site mais acessado do mundo¹⁷), a concorrência indireta de outras plataformas não dedicadas exclusivamente a conteúdo audiovisual tem alterado parte desse cenário nos últimos anos. A partir de julho de 2015, o Facebook passou a aconselhar os usuários a postarem vídeos diretamente no site, em vez de utilizar links do YouTube, iniciando assim concorrência pelo tráfego de vídeos online¹⁸.

Nos vídeos analisados neste artigo, só foi possível traçar um comparativo entre a repercussão dos mesmos no YouTube e no Facebook no caso do conteúdo publicado pelo coletivo “Periferia em Movimento”, que postou o mesmo vídeo, na mesma data, em ambas as plataformas¹⁹. Para fins demonstrativos, no dia 6 de julho de 2018, enquanto o vídeo “Periferia não é só geografia” contava com 237 visualizações, 11 “gostei” e nenhum comentário no YouTube, o mesmo conteúdo somava 27 mil visualizações, 614 curtidas e 48 comentários no Facebook. Considerando a maior repercussão do vídeo no Facebook e o caráter relacional contido nos comentários dos seguidores, pode-se supor que – neste contexto – o site apresentou maior potencial e proporcionou maior interação entre seus usuários. A notícia²⁰ de que o Facebook começou a monetizar vídeos no início de 2018 aparenta uma concorrência declarada na disputa por produtores de conteúdos. Portanto, uma análise além do YouTube torna-se necessária para futuros estudos sobre representações das periferias e favelas, e a questão da racialidade fora da grande mídia.

17 Estatísticas de tráfego no site youtube.com. Disponível em: <<http://www.alexa.com/siteinfo/youtube.com>>. Acesso em 16 jun. 2018.

18 Disponível em: <<https://www.b9.com.br/59551/facebook-aconselha-fazer-upload-de-video-no-lugar-de-usar-links-do-youtube/>>. Acesso em 5 jul. 2018.

19 Neste comparativo, o vídeo “Encontro Latino-Americano de Comunicadores Periféricos” não foi considerado, visto que o conteúdo foi publicado apenas no YouTube.

20 Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/03/facebook-comeca-a-testar-monetizacao-para-criadores-de-conteudo.ghtml>>. Acesso em 5 jul. 2018.

REFERÊNCIAS

CARMO, Beatriz. A pobreza brasileira tem cor e é preta. **NEXO**. 18 de nov. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/A-pobreza-brasileira-tem-cor-e-%C3%A9-preta>>. Acesso em 17 jun. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura – Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia no Livro, São Paulo, 1972.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. As cores da desigualdade. **RETRATOS** - A revista do IBGE. Rio de Janeiro, n. 11, p. 14-19, mai. 2018. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf>. Acesso em 17 jun. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é periferia?** Continuum/Itaú Cultural, São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>>. Acesso em 17 jun. 2018.

THOMPSON, John B. **A nova visibilidade**. **MATRIZES**. São Paulo, n. 2, p. 15-38, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38190/40930>>. Acesso em 2 jul. 2018.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

WASKO, Jane; ERICKSON, Mary. The Political Economy of YouTube. In: **The YouTube Reader**. SNICKARS, P; VONDERAU, P. (Eds.). Stockholm: National Library of Sweden, 2009.